

**Notas sobre corpos rebeldes: dois
estudos de caso em Abel Botelho e
Alfredo Gallis (1891-1906)**

Daniel Vital Silva Duarte

Doutorando em História Social pelo PPGH/UFBA, com
período Sanduíche no ICS/ULisboa como bolsista
Capes. Analista Legislativo da Assembleia Legislativa
da Bahia. Contato: danielvssilva@gmail.com

Introdução:

No final do século XIX e começo do século XX houve o surgimento de uma literatura preocupada com comportamentos sexuais considerados perversos. As descrições de relações incestuosas, namoros de padres, prostituição, etc., são um testemunho precioso das formas de pensar sexualidades divergentes. Neste texto, proponho analisar conjuntamente duas destas obras: *O Barão de Lavos* (1891), de Abel Botelho¹ e *O Senhor Ganymedes* (1906), de Alfredo Gallis², e refletir sobre suas aproximações e diferenças.

Os dois livros se propuseram a tratar de formas de erotismo e afeto entre homens, evidenciando os perigos associados a tais práticas. No caso do livro de Botelho, foi o primeiro volume da coleção “Pathologia Social”, e contava a trágica vida de um aristocrata, D. Sebastião Pires de Castro e Noronha, barão de Lavos, pederasta de “fundo etiológico”, “andrômano” e sua paixão por um jovem pobre, Eugénio. Este se aproveitou das condições financeiras do enamorado para obter toda sorte de favores, com os quais D. Sebastião sempre

¹ Abel Botelho (1854-1917), militar, escritor e diplomata português. Além da obra que ora analisamos, foi autor de *O Livro de Alda* (1894) e colaborou extensivamente em periódicos literários tais como *Brazil-Portugal* (1899-1914). A segunda edição de *O Barão de Lavos* foi impressa em 1898, corrigida pelo autor. (FONSECA, 1927)

² Joaquim Alfredo Gallis (1859-1910), jornalista, político e romancista português. Gallis foi autor de uma coleção com título muito parecido com a de Botelho, *Tuberculose Social*. O título do livro que será analisado por vezes é grafado como *O Sr. Ganymedes*. Optei por adotar o título da capa. (FONSECA, 1927)

consentia. A situação tornou-se perigosa, contudo, quando o rapaz foi inserido no convívio íntimo do aristocrata e torna-se amante da baronesa. Os dois são denunciados ao barão por uma criada e, deste ponto em diante a obra descreveu a decadência física, moral e sexual do D. Sebastião até sua morte nas mãos de “uma turba de malandrins” (BOTELHO, 1891, p. 39, 372 e 547-8). A obra de Gallis possui enredo correlato: o leitor acompanhou Leonel, jovem elegante e admirado e desejado pelas mulheres de Lisboa que no íntimo se relacionava com outros homens e que apreciava andar vestido de mulher. Era sustentado por um aristocrata abastado, o Conde da Lagoa Escura; mas a relação de ambos acabou quando a traição de Leonel com outro amante, Liberato, rude empregado de um escritório de mangas e bicos, foi descoberta. Desesperado por uma nova fonte de sustento para si e seu amado, terminou por se casar com Lygia, mulher riquíssima que se havia encantado pelos modos elegantes e refinados do rapaz. Não tardou, porém, para que os dois se separassem, depois que Lygia, assustada com a inação de Leonel no leito do casal, seguiu o marido em uma saída noturna e o flagrou com Liberato (GALLIS, 1906, p. 90-3, 114-5 e 173).

As reações ao livro de Botelho foram duras. Um bom exemplo foi o comentário sobre o livro publicado no *Jornal do Brasil*³ de 24 de julho de 1891 por Teophilo Braga: embora tenha iniciado o texto elogiando o autor como “de muito talento, conhecedor dos modernos estudos de psychologia e possuidor de um estylo vibrante, luminoso e poético” terminou por o criticar; o texto seria caracterizada por uma série de monstruosidades morais, com escasso propósito edificante e fruto de uma sociedade com concepções estéticas pouco distinguíveis, má influenciada por autores como Zola⁴ e Sade (BRAGA, 1891, p. 1). Mas, por mais que desagradasse aos críticos, a obra teve sucesso: era comercializada em Portugal e Brasil, e no prefácio da segunda edição, Botelho comentou o sucesso de vendas entre os leitores. Parece que justificada a crença do autor no interesse em discorrer sobre aqueles casos onde o organismo de um indivíduo apresenta uma instabilidade das faculdades de pensamento, sentimento ou ação, donde decorriam desequilíbrios, aberrações e anormalidades patológicas (BOTELHO, 1898, p. VII e VIII).

³ Agradeço ao *Jornal do Brasil* por ter cedido este documento sem custos adicionais.

⁴ Emile Zola (1840-1902) um dos mais importantes escritores franceses do século XIX e figura-chave do naturalismo. De suas obras se destacam *Therese Raquin* (1867) e *Nana* (1880). Na introdução da primeira Zola estabelece um conjunto de práticas de escrita associado o trabalho do escritor do cientista natural (BERG, 2019; BAILEY, 2017).

Gallis comungava do propósito de denunciar o perigo destas práticas. Mas foi além: pretendia que sua obra servisse simultaneamente como um alerta e um castigo, função exemplar que o autor julgava necessária:

A indole d'este livro è pois essa: avisar mulheres e castigar os ephebos pela sua falta de brio e de sentimento, fazendo ver aos pais que devem acostumar os seus filhos a serem homens desde pequenos, affim de que a uma educação errada e maricas se não possa atribuir a causa da adopção miseravel de habitos e costumes indignos do simples brio e respeito natural do homem pelo seu sexo" (GALLIS, 1906, p. 11).

E ilustrou essa afirmação com um relato pessoal: quando havia sido aluno do Liceu Francês, Gallis teria convivido com um destes – um “rapazito muito bonito”, que vendia seus favores a troco de seis penas novas e que ao longo dos meses ganhou centenas e centenas. Mas não do autor; tal experiência foi evitada com a ajuda de Maria Delfina, mulher de vinte anos, mãe de dois filhos e que “mal passava pela porta”, com quem Gallis teria conseguido “desemperrar a alavanca do prazer” (IDEM, p. 10-1). O tom jocoso e ácido adotado pelo autor parece justificar os críticos que o referiam como distinto literato, mas que escrevia sobretudo para um público masculino sequioso de obras licenciosas (DUARTE, 2017, p. 12). Tal pecha incomodou o autor de tal maneira que o prefácio do livro contém a citação de vários autores respeitados como que para justificar seu intento: ao lado do romano Juvenal, cujas sátiras visavam criticar a liberação dos costumes em Roma no primeiro século, Gallis citou também Zola, defendendo que a atitude de escritor seria como a de um médico cultivando uma cultura de bactérias num laboratório, ainda que tal causasse escândalo aos leitores (GALLIS, 1906, p. 8).

Esta dupla menção as obras do autor francês Emile Zola em Braga e Gallis indicam a influência do naturalismo. Os dois partilham da crença na capacidade de acessar a realidade de forma imediata enfatizando o papel das condições que natureza e/ou o meio desempenhavam junto aos indivíduos (BAILEY, 2017, p. 8; CANDIDO, 1991, p. 111 e 118). Daí a escolha de temas relacionados a vida sexual ainda muito controvertidos na literatura (DUARTE, 2017, p. 15-6; GREEN, 2000, p. 75-8). E daí igualmente a linguagem impregnada pelos métodos e reflexões das ciências da natureza, desvelando ao leitor sem mediações as mazelas do gênero humano.

1. Ciência para produzir diferença

Richard von Krafft-Ebing (1840-1902) foi um dos autores mais influentes no campo da sexualidade no final do século XIX e começo do século XX. Sua obra *Psycopathia Sexualis* (1886) foi extensamente citada por médicos brasileiros e portugueses no período (PEREIRA, 1895, p. 216; PINHEIRO, 1898, p. 67, 111)⁵. Os autores analisados aqui se apropriaram de algumas noções centrais do médico alemão para construir um conjunto de enunciados viáveis sobre o caráter mórbido e perigoso do amor entre homens. Para Krafft-Ebing, a homossexualidade poderia ser dividida em adquirida e congênita. Nesta última variedade, era um sinal de degeneração e, em muitos casos, um mal hereditário (KRAFFT-EBING, 1894, p. 185 e 222). Botelho, ao tratar do Barão de Lavos e das razões de sua degeneração, escreveu:

O atavismo fez explodir n'este com rábida energia todos os vícios constitucionaes que bacillavam no sangue dessa raça, exaggerados n'uma confluencia de seis gerações, d'envolta com instinctos doidos de pederasta, inoculados e progressivamente aggravados na sociedade portuguesa pelo modalismo ethnologico da sua formação. A inversão sexual do amor, o culto dos ephebos, a preferência dada sobre a mulher aos bellos adolescentes veio-nos com a colonização grega e romana (BOTELHO, 1891, p. 31-2)⁶.

Nos últimos capítulo do livro foi o próprio D. Sebastião quem lamentava que fosse originário de tão terrível árvore genealógica: seu pai havia sido *mignon* – amante – do rei D. João VI; um tio-bisavô, cardeal, tinha um harém de castrados e de meninos cantores da sé; o bisavô era um sodomita incorrigível; a avó pagava os sonetos e madrigais que recebia com convites ao seu leito. Era contra essas condições hereditárias contra as quais se batia D. Sebastião, e que o autor apontou como irreversíveis para a extinção da linhagem bastarda dos barões de Lavos (BOTELHO, 1891, 339-440). Tentando traduzir a homossexualidade a partir daquilo que era considerado a melhor doutrina científica da época, Botelho indicou o caminho sem volta percorrido pelos adeptos do amor entre homens, que resultava de uma degeneração – quer herdada quer adquirida e alimentada pelos colégios e por um temperamento artístico – elementos que Krafft-Ebing apontou como muitos comuns naquelas vítimas do “homossexualismo congênito” (BOTELHO, 1891, p. 35-7; KRAFFT-EBING, 1894, p. 391).

Gallis, por sua vez, também revelou grande influência deste autor. Ao caracterizar o caso que Leonel, jovem extremamente belo, encanto de todas as mulheres e que ditava a moda

⁵ A referência mais antiga que encontrei a este autor em Portugal é de 1887.

⁶ A referência ao atavismo ecoa, como diz Howes, a influência de Cesare Lombroso. Abordarei isto em outra seção da tese (HOWES, 2005, p. 183).

e a elegância em Lisboa – enquanto mantinha uma relação com Liberato, indivíduo grosseiro, barbado, de traços rudes e grande força física:

Era o eterno caso das gentis condessas, que se amancebavam com seu cocheiro. Na hybridez dos seus intinctos sensuaes, o Leonel tinha todas as perversões moraes e physicas d'uma cortezã caprichosa e hysterica. E que ninguém se admire do caso, porque elle está de sobra estudado pelas celebridades medicas mais notaveis da França, Italia e Allemanha, como o Dr. Krafft Ebing explica no seu livros *O instincto sexual e suas aberrações*⁷.

Leonel seria um perverso por tendência moral, fisiológica e educativa. Gallis, neste sentido, criticou pesadamente a família do protagonista, por o terem cuidado em excesso e mimado; em criança, Leonel brincava apenas com meninas e fora criado no meio das saias. Um amigo do pai que visita a família chegou a confundir o garoto com uma menina, já que tinha os cabelos até os ombros, estava enfeitado com joias e vestia uma faixa à cintura. O autor chegou a dizer que pareceria mais talhado para fêmea do que para varão (GALLIS, 1906, p. 21-2 & 27). De volta a Krafft-Ebing, haveria com efeito na criança uma etapa de neutralidade que era revertida quando do desenvolvimento dos órgãos da geração. Mas devido justamente a falta de instinto, seriam mais suscetíveis a influências externas e educacionais neste momento da vida (KRAFFT-EBING, 1894, p. 186). Fatalmente, no caso de Leonel, a aparência feminina se complementou com experiências sexuais junto a colegas de colégio e a outros homens – a começar por um empregado do liceu, antigo sargento de cavalaria, que o havia “desflorado”. Chegou, assim, a idade de vinte anos sem ter contato com mulheres e com traços físicos perceptíveis de que algo estava errado: “De depravação em depravação, todo o seu organismo se atrophiou, convencendo-se que nascera para as funções femininas, esquecendo por completo as do seu sexo” (GALLIS, 1906, p. 94). Embora não fique explícito⁸, é razoável inferir que Leonel seria incapaz de uma ereção. Seus excessos de juventude o haviam marcado de forma indelével, de tal maneira que, mais tarde, não conseguiria satisfazer sexualmente Lygia, sua antiga professora que, viúva, desejava se casar com o belo rapaz.

A educação também teria sido um mal para o barão de Lavos. Este, com efeito, se apaixonou por vários colegas no internato e com eles manteve uma proximidade bastante

⁷ Ainda não localizei este livro, embora conste do catálogo da Biblioteca Nacional de Portugal para o ano de 1902.

⁸ Gallis evoca a descrição acurada à moda de Zola na introdução, mas não descreveu diretamente o ato sexual dos dois amantes na obra. Nesse sentido, penso que se assemelha mais a um escritor romântico, deixando a parte mais explícita da obra a cargo da imaginação dos seus leitores.

comprometedora – a qual, inclusive, teria motivado o pai a vigiar o jovem com maior cuidado, sem sucesso. Mas o traço mais saliente para o desenvolvimento de uma sexualidade voltada para os homens nesta fase da vida de D. Sebastião foi sua alma de artista, sempre enlevado pela beleza dos corpos e dos indivíduos do sexo masculino. Botelho narrou que, num primeiro momento depois da vida colegial, marcada pelos folguedos erótico-afetivos com homens, o barão teria cultivado mais as mulheres. Mas aos vinte anos, ao viajar pela Espanha, França e Itália, D. Sebastião se fascinou com as estátuas de nus masculinos da antiguidade e do renascimento, que passou a entesourar como ideal de beleza (BOTELHO, 1891, p. 36-41).

Opera-se aqui com uma ciência preocupada em produzir desigualdades entre os sujeitos. Neste sentido seria possível aproximar Krafft-Ebing de outro autor, Raimundo Nina Rodrigues⁹. Em artigo sobre os fundamentos do pensamento deste médico sobre mestiçagem no Brasil, Lilia Schwarcz indicou entre os elementos centrais a noção de desigualdade. Para ele, não se tratava de um fenômeno relacional ou aferível culturalmente, mas sim de um referencial biológico fixo e hierarquizável. Neste sentido, Rodrigues era um dos grandes críticos do Código Penal de 1890, inspirado pelos discípulos de Tobias Barreto e Sílvio Romero, que estava fundado nas noções de igualdade entre os indivíduos e de livre-arbítrio. (SCHWARCZ, 2007, p. 52). Ora, a apropriação destes autores parece funcionar em sentido análogo: a ciência reconhece e produz um acúmulo de diferenças incomensuráveis entre os seres só inteligível quando se reconheceria o peso da natureza como determinação.

2. A organização das tipologias do mal: atividade e passividade, sodomita e ephebo

Botelho e Gallis desenvolveram uma tipologia própria, organizada em torno do problema da atividade versus passividade. Senão vejamos o caso de D. Sebastião. Botelho descreveu que ele era o parceiro ativo na relação com Eugénio. Este, a todo momento, era comparado com Ganimedes, amante e copeiro de Zeus no Olimpo, indicando uma leitura justaposta dos relatos da antiguidade greco-romana, onde aos mais novos idealmente caberia

⁹ Raimundo Nina Rodrigues (1862-1906), médico maranhense, professor de Medicina Legal da Faculdade de Medicina da Bahia.

o papel passivo na relação erótico-afetiva (JOHANSSON, 1990, p. 959-962)¹⁰. A passividade, contudo, era o estigma mais perigoso, e o fato de em certos momentos D. Sebastião sentir esse desejo era indicador da profundidade do mal que o acometia:

A plenitude de vida, a arrogância genital, a evolução organiza ao maximo, próprias dos 32 annos, mantinham no barão ainda fortes e dominantes as tendencias naturaes da virilidade. Elle tinha emquanto junto do ephebo os mesmos appetites de penetração e de posse, que o homem sente de ordinario para com a mulher. Todavia, em raros momentos de vertigem, no mais estonteador instante dos seus abraços, ao contacto de sua carne com aquell'outra virilidade impetuosa e fresca, percorria-lhe os musculos, fugidio, breve, um movimento effeminado; faiscava-lhe no espirito uma pregustação de prazer, tendo por base a passividade, o abandono; entrava a suppurar-lhe da vontade uma sollicitação em escôrço de se entrega, de ser possuido, gosado, de ser femeado em summa. O que era, a um tempo, corollario do seu temperamento, e signal pathognomico do finalisar d'uma raça inutil, do agonisar d'uma familia que vinha assim desfazer-se, pôdre das ultimas aberrações e das ultimas baixezas, na pessôa do seu representante derradeiro (BOTELHO, 1891, p.114-5).

Em *O Senhor Ganymedes* a questão foi resolvida de outra maneira. Leonel era o parceiro passivo, incapaz de levar à cabo o ato sexual como penetrador. Além disso, os traços físicos femininos do jovem são extremamente significativos como sinais de instinto sexual e mente doentes. Além disto, o rapaz mais belo de Lisboa passava as noites numa casa que seu amante oficial, o conde de Lagoa Escura havia alugado para ambos trajado como uma dama (GALLIS, 1906, p. 94). Estes dois aspectos, a passividade e a tendência a adotar trajes e comportamentos típicos das mulheres levaram Gallis a constituir Leonel como uma categoria separada dentro do mundo dos pervertidos: ele é um “ephebo”, um homossexual passivo e feminino, submisso a vontade de seus parceiros e incapaz de corresponder aos brios que se esperam de um homem¹¹. Parece adequada a reflexão de Daniel Welzer-Lang, quando argumentou que um dos elementos que ajudam a inculcar nos mais novos as noções paradoxais do que constitui o “ser homem” era o combate aos aspectos que poderiam associá-los as mulheres (WELZER-LANG, 2001, p. 462). Já Miriam Pillar Grossi indicou, dentre os vários elementos que constituem a masculinidade hegemônica na cultura brasileira, a atividade sexual penetradora e o comportamento agressivo/força física como centrais (GROSSI, 2004, p. 9, 17, 28). Estes três elementos também foram apontados por Miguel Vale

¹⁰ É notável que a comparação utiliza como referência a mesma personagem que Gallis iria utilizar no seu título: Ganimedes, príncipe troiano raptado por Zeus em forma de águia para servir de copeiro do rei dos deuses no monte Olimpo. Analisarei isto em outro momento da tese.

¹¹ Também cabe destacar que adotar a terminologia de origem grega *efebo* implicava numa operação de uso da antiguidade, artifício muito comum quando autores queriam falar sobre o escabroso tema das sexualidades divergentes.

de Almeida em *Senhores de Si*, quando assinalou o processo de exclusão do feminino na formação da masculinidade hegemônica, bem como o papel da atividade e passividade como fator de separação entre homens e mulheres (VALE DE ALMEIDA, 2000, p. 17, 50). Nestes termos, Leonel representaria a contradição máxima desta norma.

O outro tipo da classificação de Botelho era o dos ativos, que na obra são representados sobretudo por Liberato e em menor grau pelo conde da Lagoa Escura. Como os outros, tem um nome específico: sodomitas. Não seriam nulidades do ponto de vista dos papéis masculinos, como Leonel. O conde era pai de uma família importante, e um homem muito rico. Já Liberato era um empregado de um escritório de mangas e bicos, mas que se destacava pela aparência física vigorosa – tinha barba, corpo atlético, jeito grosseiro e costumava trabalhar duro. Até alguns anos antes da história, Liberato era um mulherengo inveterado, que se relacionava com prostitutas. Contudo, depois de sofrer duramente com a sífilis, optou por se relacionar apenas com homens, e se apaixonou perdidamente por Leonel, sendo correspondido por este (GALLIS, 1906, p. 92-3 e 95). Tal como o barão, em Liberato houve um processo de degeneração. Se por um lado correspondia a certas características da masculinidade, rapidamente ele deixa de trabalhar para ser financeiramente bancado por Leonel com o dinheiro que este recebia do conde da Lagoa Escura, seu amante “oficial”; e, depois, ajudou o rapaz a conceber o plano de se casar com Lygia para que os dois fossem sustentados pela esposa rica (GALLIS, 1906, p. 114-119). Esta subversão das expectativas do que devia ser um comportamento masculino parecem indicar que a escalada do mal comprometia os homens que se davam a tais comportamentos viciosos, mas com diferenças de intensidade. As ideias dos autores encontram forte apoio em Krafft-Ebing para quem a “homo-sexualidade” era dividida dois grandes conjuntos:

This perverse sexuality appears spontaneously, without external cause, with the development of sexual life, as an individual manifestation of an abnormal form of the *vita sexualis*, and the has the force of a congenital phenomenon; or it develops upon a sexuality the beginning of which was normal as a result of a very definite injurious influences, and thus appears as an acquired anomaly (KRAFFT-EBING, 1894, p. 187).

Com o que é lícito inferir que havia uma diferença entre a variedade adquirida uma anomalia da vida sexual normal – talvez o ancestral sodomita do barão de Lavos pudesse ser enquadrado em um desses casos, e certamente era o caso do Liberato; e a variedade congênita, que pode ser identificada com D. Sebastião e Leonel. O sexólogo alemão também a separou do ponto de vista da atividade e da passividade. Esta última era um grau mais alto do mal, de

tratamento mais difícil. Era um fator que aproximava as variedades adquirida e congênita e dificultava o tratamento, e no qual haveria certa aderência entre passividade e o gosto por comportamentos femininos (KRAFFT-EBING, 1894, p. 197 e 200).

Cabe destacar, porém, uma diferença entre os dois autores. D. Sebastião foi descrito como uma personagem capaz de transitar entre a função de penetrador e de penetrado. Há uma diferença qualitativa entre os dois estados, como vimos acima: deixar-se penetrar era o momento mais extremo do mal. Ainda assim, não havia fixidez do ponto de vista dos gostos e prazeres – retratados como estigmas da degeneração. No caso de Leonel, houve um esforço muito grande por parte do autor em apontar a absoluta incapacidade deste para desempenho do papel ativo desde a mais tenra idade, com isso marcando claramente uma nova classe de seres que habitavam a fauna social lisboeta, que a pena do autor se propunha a fustigar duramente. As apropriações da teoria da sexualidade de Krafft-Ebing permitem pensar em dois processos. Primeiro, a profunda influência das ciências na literatura, tomada frequentemente como lente pela qual se analisava o mundo e os sujeitos da fauna social; segundo a margem de manobra que os autores do período tinham para interpretar o que descreviam como “realidade”. Não é lícito pensar, pois, que se trata de simples repetidores de ideias pré-formatas. Em lugar disso, eram enunciadores de um discurso sobre a homossexualidade que inspirava práticas sociais a respeito destas mesmas questões. Havia outro aspecto – produtivo – nas obras de Botelho e de Gallis. Para compreender este enfoque, considero importante retomar o raciocínio desenvolvido por Antonio Candido no ensaio *De Cortiço a Cortiço* (1999). Nele, ao analisar a obra homônima de Aluísio Azevedo, apontou duas dimensões possíveis de análise. Em uma, se evidencia a inspiração dos trabalhos de Emile Zola, principalmente o *L'Assommoir* – do qual o livro de Azevedo seria um “texto segundo”, isso é, derivado. Na outra, porém, Candido mostrou que, ao adaptar o cortiço francês ao carioca, com suas muitas tensões relacionadas a classe, raça e sexualidade, Azevedo criou uma descrição e interpretação profundamente originais da região central do Rio de Janeiro com seu medo do contágio pelos mais pobres e racialmente diversos – pode ser compreendido, portanto, como um texto primeiro. Neste sentido, a dimensão “científica” pretensamente objetiva do naturalismo se desdobra em processo qualificador do mundo que dá a ver a intenção social e moralmente valorativa por trás do discurso científico (CANDIDO, 1999, p.125-126).

Aplicando tal raciocínio a aos dois livros analisados, podemos constatar fenômeno parecido: tentando partir da ciência de Krafft-Ebing e do naturalismo de Zola, Gallis e Botelho reinterpretem o contexto em que vivem; a pretexto de uma descrição da realidade imediata em seus mínimos detalhes, apontam o complexo processo de construção discursiva sobre sexualidades divergentes no século XIX.

3. Soluções para o mal:

Gallis e Botelho apostaram em desfechos diferentes. D. Sebastião, após descobrir a dupla traição de Eugénio com Elvira vendeu todos os bens por qualquer preço, se separou da esposa e partiu para longe de Lisboa por vários meses. Ao retornar, terminou por desperdiçar o que restava de seu patrimônio com negócios mirabolantes e com tentativas de se aproximar de rapazes que, de alguma forma, pudessem corporificar seu ideal de beleza. Ao final, tornou-se uma figura habitual da noite portuguesa em busca de encontros sexuais furtivos. Botelho não deixa explícito se D. Sebastião deixou o papel ativo e adotou o passivo, mas pela forma como o autor construiu o argumento, pode-se supor que sim. É lícito pensar que a solução apontada por Botelho era o desaparecimento dos que se entregavam a esta classe de vício: seu prazer era demasiado para que se curassem de qualquer forma¹².

Gallis resolveu o destino dos seus personagens de uma outra maneira. O casamento de Leonel acontece, para grande infelicidade de Lygia, que apenas após o enlace constatou a incapacidade física do marido de consumir o ato e a satisfazer sexualmente. Depois de muitas peripécias, ela foi ajudada por um admirador, o tenente Nuno, que se apaixonara pela jovem ao vê-la com o marido no Teatro de São Carlos. Heroicamente, o militar obtém uma cópia das chaves do quarto de Leonel e Liberato em troca da promoção do filho de Angélica, a encarregada da limpeza da casa de ambos, e a entrega a Lygia; esta, escondida na casa, viu o Leonel vestido de mulher entrando no quarto com Liberato:

¹² Ainda assim, o barão teve uma vida relativamente longa. No começo do livro Emma, filha do seu amigo Paradella era uma criança de colo. No último capítulo, o leitor foi apresentado ao seu casamento, que se converteu no contraste direto para com o estado de decadência de D. Sebastião. Bailey apontou o elemento surpreendentemente afirmativo dos momentos em que a vida do barão chega a seus pontos mais baixos na narrativa, como se as zonas abjetas da vida social em verdade pululassem de vida – mas essa reflexão deve ser adensada em outra seção (BAILEY, 2017; BOTELHO, 1891, p. 504-505 e 546-8).

(...) pode contemplar o seu marido de camisa de rendas, com laços de seda côm de rosa, sapatinhos de setim azul celeste, meias de seda escarlates, ligas espantosas, e uma pulseira lindíssima no braço esquerdo. A seu lado, um homem alto, espadaúdo, anguloso, de grandes bigodes negros e com o corpo coberto de pelos hirsutos e bastos como um gorila, affagava-o sensualmente. Lygia reconheceu esse homem. Era o mesmo que visitara o Leonel quando elle dera a queda, e que pelos seus modos afadistados e jocosos tão mal a tinha impressionado. Durante uma hora Lygia não se retirou d'aquelle posto de observação, d'onde viu scenas verdadeiramente espantosas, medonhas, horríveis, como ella nunca imaginara que pudessem existir, especialmente entre dois indivíduos do mesmo sexo!!! Todo o seu poder de mulher e esposa estavam em plena revolta. Se em vez de a separar d'aquelle biltre nojento que era seu marido, uma parede espessa, a separasse apenas uma leve cortina, tel-o-hia morto a tiro, tal era repugnancia e o odio que elle lhe causava (GALLIS, 1906. p. 166).

O trecho, longo, contém alguns elementos dignos de análise. Em primeiro lugar, houve um processo de retirada dos dois personagens do campo do humano. Os atos sexuais entre homens são colocados como algo que não pode ser imaginado pela personagem – embora certamente tenha feito o horror e deleite dos leitores; eram atos apenas compreensíveis por aquilo que se considerava fora do humano, e daí o autor tenha comparado Liberato com um gorila. A relação, pois, se tingia de cores bestiais, como no passado a sodomia havia sido descrita por certos documentos, especialmente produzidos pela inquisição (MOTT, 2010, 24 e 123). Mais: o leitor tornou-se capaz de imaginar o abjeto no sentido daquilo que perturba a ordem, o sistema – a ambiguidade reveladora da fragilidade da lei (KRISTEVA, 1982, p. 4) e dos consensos socialmente estabelecidos da fronteira entre os gêneros.

Para combater este mal, valeria tudo, até mesmo entrar na casa alheia e contemplar a intimidade dos outros. Afinal, quem deu a esposa a saber das estripulias sexuais do marido com outro homem foi o tenente Nuno, sob o duplo pretexto de salvar Lygia da acusação de ser conivente com os vícios do marido e de a libertar daquele “biltre nojento” – embora o leitor saiba que o jovem militar estava apaixonado pela heroína e que se beneficiaria do desfecho provável (GALLIS, 1906, 142-150 e 174-5). Em certa medida seria possível dizer que o romance satírico de Gallis teve um destino feliz para ambos casais de personagens. A heroína e o seu tenente se casam e vivem felizes e ricos; efebo e sodomita continuam juntos, protagonizando atos impúblicáveis pelo autor, mas imagináveis pelo leitor; a mãe de Leonel, D. Eudóxia, perplexa pela separação, ainda julgava este o melhor dos filhos. Entretanto, há um aspecto significativo. Se Botelho insistiu com o leitor ao ponto da exaustão o caráter doentio de D. Sebastião, a solução dada por ele não deixa de ser profundamente crente de que haveria uma resposta inspirada pela ciência. D. Sebastião era uma vítima de males dos quais não poderia escapar e cujo fim era o seu desaparecimento – um destino que Howes

considerada convencional e moralista, ao gosto dos leitores de Botelho (HOWES, 2005, p. 187). Em Gallis não foi possível divisar esta atitude em relação aos personagens. O autor não deixa de considerar que a saída mais imediata era o recurso ao revólver, para acabar com essa sorte de biltres que poluíam Lisboa. Se Lygia e, antes dela, o tenente Nuno não tomam essa atitude mais radical, foi porque nada tinham a lucrar com isso. Com o que houve um processo de passagem. Sem deixar de ser estigmatizada como doença, a homossexualidade em Gallis se tornou digna de uma ação violenta por parte daqueles que se escandalizam com aqueles atos. Nessa linguagem crua, talvez o autor em 1906 tenha apontado de forma explícita para mais de um elemento que separava e organizava o mundo dos homens em fins do século XIX e começo do século XX.

Novamente, recorro a reflexão de Daniel Welzer-Lang, ao afirmar que, numa sociedade onde homens e mulheres são atravessados pelo gênero, e dentro do paradigma que dividiria a humanidade em duas metades diferentes, uma das ferramentas que operam a separação é a homofobia. Ela atua em conjunto com a casas-dos-homens, espaços onde se aprende a ser homem por meio do sofrimento (WELZER-LANG, 2001, p. 462), e o autor assim a definiu: “É então nessa perspectiva que eu propus que se definisse a homofobia como *a discriminação contra as pessoas que mostram, ou a quem se atribui, algumas qualidades (ou defeitos) atribuídos ao outro gênero. A homofobia engessa as fronteiras do gênero*”¹³ (IDEM, p. 465). Com isso, Gallis demarcou claramente aquilo que Botelho havia colocado como parte do fenômeno da doença: não havia trânsito ou porosidade de posição em Leonel como havia em D. Sebastião e em Eugénio. A passividade era um estigma da degeneração para os três, mas vinha associada com a feminização visível, reconhecível e original, no caso de Leonel – o que demandaria uma solução mais violenta. Neste campo Gallis foi inclusive mais longe do que Aluísio Azevedo havia feito com seu personagem Albino, o lavadeiro afeminado do cortiço São Romão que se travestia no carnaval, e que um dia fora agredido por estudantes ao entregar a estes as roupas lavadas e receber o pagamento (AZEVEDO, 1997, p. 15). Ao fim, parece que o autor estava a dizer ao leitor que, aos que tinham brio, era de se esperar que desejassem erradicar aqueles considerados efebos e sodomitas, sem esperar a marcha das doenças. Não havia lugares possíveis no corpo da nação e era lícito – seria de se esperar por aqueles que tinham honra, como Lygia e o tenente Nuno – que a primeira reação

¹³ Grifo do autor.

fosse a de matar aqueles que se entregavam a este tipo de prática. Neste sentido, a solução de Gallis foi a oposta à de Krafft-Ebing, o qual defendia a noção de que certos indivíduos, sexualmente degenerados *ab origine*, depois de devidamente analisados pelo médico, deveriam ser colocados à parte da sociedade – mas não juridicamente punidos da mesma forma que uma pessoa sã, por algum tempo, mas idealmente acompanhado por toda a vida (KRAFFT-EBING, 1894, p. 379).

Mas esta agudização da violência ainda é algo que me parece excessiva. Outros textos do período, ainda que sátiras, não recorrem ao artifício de um revólver como solução. Preliminarmente, creio que Gallis revelou os limites da sua própria arquitetura conceitual. O raciocínio enviesado desenvolvido em algumas passagens do prefácio poderia auxiliar nesta percepção: “Se agentes externos não lhe desvirtuam as suas tendencias naturaes, a não ser que possua as taes deformações phisilogicas de que tratam alguns médicos e são raras, a sua inclinação genesica é toda para a femea” (GALLIS, 1906, p. 9). Para Gallis, portanto, as deformações fisiológicas são raras e os homens estariam naturalmente destinados a se relacionar com mulheres. Seria, este, como vimos, o caso do Liberato. Mas Leonel permaneceria como um enigma. Se seria ele um daqueles casos raros, dos que são deformados congenitamente, não haveria razão para colocar tanta ênfase no papel da educação – o mal se desenvolveria em qualquer circunstância. O autor, contudo, insiste muito no papel da educação e do ambiente escolar no surgimento daqueles que chamou de ephebos:

Rapazes educam-se como rapazes e raparigas como raparigas.

Nada de inverter os sexos nem os papeis que a cada um naturalmente competem.

Muitos d'estes meninos-meninas soffrem nos collegios as primeiras investidas dos mais velhos, já pervertidos pela malaria collegial. A pouco e pouco vão-se acostumando e viciando insensivelmente convencendo-se que nasceram para dar prazer aos outros, e concluindo por gosarem com esses mesmos prazeres que facultam, se a mão providencial de uma mulher, a criada da casa ou a prima solteirona, roída de desejos cúpidos, não os salvar d'esse abysmo onde fatalmente veem cahir (GALLIS, 1906, p. 10).

Gallis pretendeu, aqui, estabelecer uma diferença incomensurável entre homens e mulheres que os coloca em termos sociais em posições hierarquicamente estratificadas. Por conseguinte, a feminilidade poderia ser entendida como um referencial fixo, oposto e inferiorizado, passivo a ação dos homens, com o qual Gallis constitui o personagem do Leonel a partir de referências como a de Maria Delfina. *Implicitamente, ele admitiu que era algo construído, e não naturalmente dado.* Ora, trata-se de uma estratégia muito parecida com

a que Sherry Ortner apontou para a dominação das mulheres, onde a imposição de valores negativos foi travestida de reconhecimento de um fato da natureza, originário (ORTNER, 1979, p. 100). Gallis pareceu no livro preocupado sobretudo com esta barreira. Ao conde de Lagoa Escura e Liberato parece que a sociedade era perfeitamente capaz de sobreviver. Eles não apontavam a porosidade e fragilidade da barreira entre os gêneros como Leonel. Na cultura de bactérias que era o corpo social, o autor foi forçado a tomar uma atitude diferente com este microrganismo particularmente difícil de sanar (GALLIS, 1906, p.8): era preciso operar um discurso de fazer-morrer¹⁴, para indicar que afinal havia uma barreira entre os gêneros que precisava ser preservada.

Referências:

Fontes:

BOTELHO, Abel. *O Barão de Lavos*. Porto: Livraria Civilização, 1891. 548 p. Patologia Social 1

_____. *O Barão de Lavos*. 2ª Edição Corrigida [e aumentada]. Porto: Livraria Chardron, 1898. 468 p. Pathologia Social 1

BRAGA, Teóphilo. *Chronica Litteraria*. In: << http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=030015_01&pesq=barao%20de%20lavos>>. Acesso dia 06 de dez. de 2018.

GALLIS, Alfredo. *O Senhor Ganymedes*. (Psycologia de um Ephebo). Lisboa: Livraria Central de Gomes de Carvalho, 1906.

PINHEIRO, Domingos Firmino. *O androphilismo*. Bahia, 1898. 215 p.

SILVA, Adelino. *A inversão sexual*. [Dissertação Inaugural] Porto: Guttemberg, 1895. 322 p.

Bibliografia:

AZEVEDO, Aluísio. *O Cortiço*. In: << http://download.uol.com.br/vestibular2/obras_literarias/ocortico_aluisioazevedo.pdf>>. Acesso dia 10 de fev. de 2019

BAILEY, David James (2017). *Naturalism Against Nature: Kinship and Degeneracy in Fin-de-siècle Portugal and Brazil* (Doctoral thesis). <https://doi.org/10.17863/CAM.17166>.

¹⁴ Em outros lugares, com a mesma referência científicista, outras soluções foram propostas. Ainda que sem sucesso, as tentativas de indivíduos como Magnus Hirschfeld que questionou as leis penais contra a homossexualidade na Alemanha e criou Comitê Científico Humanitário (1897-1933) para discutir a aceitação deste tema pela sociedade; e a de Henry Gerber em Chicago nos anos 1920, merecem ser rediscutidas dentro desta perspectiva (JOHANSSON, 1990).

BERG, William J. Emile Zola. In: « <https://www.britannica.com/biography/Emile-Zola> ». acesso dia 21 de fevereiro de 2019.

CANDIDO, Antonio. *De Cortiço a Cortiço*. In: <<<http://novosestudos.uol.com.br/produto/educacao-30/#58dbd825dc463>>>. Acesso dia 28 de dez. de 2018.

DUARTE, Aline Moreira. *Alfredo Gallis, o pornógrafo esquecido*. In: <<<http://www.periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/graphos/article/view/37682>>>. Acesso dia 06 de fev. de 2018.

FONSECA, Martinho. *Aditamentos ao Dicionário bibliográfico português de Inocêncio Francisco da Silva*. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1927.

GREEN, James Naylor. *Além do carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil do século xx*. São Paulo, SP : Ed. UNESP, 2000. 541 p.

GROSSI, Miriam Pillar. *Masculinidade: Um revisão teórica*. In: <<<http://miriamgrossi.paginas.ufsc.br/files/2012/03/Visualizar3.pdf>>>. Acesso 12 de dez. de 2018.

HOWES, Robert. *Raça e sexualidade transgressiva em Bom Crioulo de Adolfo Caminha*. In: <<<http://www.periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/graphos/article/view/9459/5112>>>. Acesso dia 01 de dez. de 2018.

JOHANSON, Warren. *Pederasty*. In: <<<http://williamapercy.com/wiki/images/Pederasty.pdf>>>. Acesso 30 de dez. de 2018.

_____. *Scientific Humanitarian Comitee* <<<http://williamapercy.com/wiki/images/Scientific.pdf>>>. Acesso dia 10 de fev. de 2019

_____. Henry Gerber. <<<http://williamapercy.com/wiki/images/Gerber.pdf>>>. Acesso dia 10 de fev. de 2019.

KRISTEVA, Julia. *Approaching Abjection*. In: _____. *Powers of Horror: na essay of abjection*. New York: Columbia University Press, 1982.

MOTT, Luiz. *Bahia: Inquisição e Sociedade*. Salvador: Edufba, 2010.

ORTNER, Sherry B. *Está a mulher para a natureza como o homem para a cultura?* In: LAMPHERE, Louise. ROSALDO, Michelle Zimbalist. *A mulher, a cultura, a sociedade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

SCHWARCZ, Lilia Katri Moritz. Quando desigualdade é diferença: reflexões sobre antropologia criminal e mestiçagem na obra de Nina Rodrigues. in: <<<http://www.gmbahia.ufba.br/index.php/gmbahia/article/viewFile/306/295>>>. Acesso dia 29 de dez. de 2018.

VALE DE ALMEIDA, Miguel. *Senhores de Si*. Uma interpretação antropológica da masculinidade. 2ª Edição. Lisboa: Fim do Século, 2000.

WELZER-LANG, Daniel. A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia. In: <<<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2001000200008/8853>>>. Acesso dia 10 de fev. de 2019.